

[ MARCO SABINO ]

Formado em Medicina. Estilista de bijuterias e acessórios de moda da grife Marco Sabino no Rio de Janeiro. Entre os anos 1980 e 1990, foi articulista de inúmeras revistas de moda. Em 2000, tornou-se editor do [www.marcosabino.com](http://www.marcosabino.com) e, em 2006, publicou o *Dicionário da moda* (Campus/Elsevier).

espaço aberto

[ 48 ]

O dicionário  
da moda



Escrevi meu primeiro artigo sobre moda e comportamento em 1985, ao ser convidado pela revista *Claudia Moda*, da Editora Abril, intitulado *Vale tudo no cardápio da moda*. Depois desse artigo, publiquei diversos outros em revistas, como *Desfile Coleções*, *Elle*, *Vogue*, *The Voice*, *Around* e jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Sempre gostei de moda e, nos anos 1970, já lia a italiana *L'UOMO Vogue* e a *Elle* francesa.

Mas como um médico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro torna-se estilista de bijuterias e acessórios, depois articulista, mais tarde editor do [www.marcosabino.com](http://www.marcosabino.com), inaugurado em fevereiro de 2000, e finalmente autor do *Dicionário da moda*, publicado em 2006?

Após meus cursos e temporada em Paris, voltei ao Rio de Janeiro, porém, logo em seguida, decidi me isolar. Fui para Petrópolis onde passei dois anos e, lá, dediquei-me ao máximo ao meu site. Depois de algum tempo, voltei ao design das *bijoux* e, logo, passei a acumular várias atividades. Em 2003, veio o convite da Editora Campus/Elsevier para escrever um pequeno dicionário de moda. Inicialmente, fiz um *brainstorm* e tentei criar uma lista com todos os verbetes que entrariam no livro. Queria homenagear todos os profissionais da moda que tinham se dedicado ao setor e deixar registrada a sua existência e importância no cenário de moda nacional. Muitos aconselhavam a não falar desse profissional ou de outro. Os mais elitistas achavam, por exemplo, que somente uma meia dúzia de fotógrafos deveria ser mencionada. Eu pensava ao contrário e achava que se alguém tivesse trabalhado, se dedicado e deixado seu trabalho nas páginas de revistas e jornais, merecia ser lembrado. Gastei uma fortuna em livros, revistas antigas e pesquisas. Tive de estudar muito. Ler em francês, inglês, espanhol e tentar trazer a verdade para as páginas do meu livro, já que há disputas e mais disputas sobre a autoria e invenção das coisas entre estrangeiros, principalmente franceses e ingleses. Mas eu queria ser imparcial e buscava a verdade. Sempre. Tarefa difícil num universo repleto de egos desmesurados e num país onde o culto à memória não é uma prerrogativa. À medida que os verbetes iam se delineando, as dúvidas iam aumentando. A minha proposta era com a verdade. Nesse sentido, questionava-me: e todo o trabalho que foi feito antes? Por que renegá-los? Havia semanas de moda sim e, no início dos anos 80, éramos obrigados a apresentar prévias de coleções de inverno já em novembro. As coleções seriam apresentadas em janeiro e entrariam nas lojas em março, mas edições profissionais, como o *Jornal da Claudia Moda* que circulava durante a Fenit, em janeiro, precisavam de material para suas páginas e nós, estilistas, enviávamos croquis e peças-piloto. Tudo para não perder a oportunidade de ter o nome em evidência num período com boa divulgação. Em janeiro, ainda, apresentávamos nossas coleções em nossos *showrooms* e aguardávamos as vendas para os lojistas de atacado. Logo depois, revistas como *Moda Brasil*, *Desfile*, *Vogue*, *Claudia Moda* e *Interview* já recolhiam nossas peças para serem fotografadas nos editoriais das novas estações. Os tempos eram diferentes, o mundo era outro, mas os seres humanos continuavam os mesmos. Com seus egos, vontades, força e dinamismo. Todas aquelas pessoas que participavam daquela imensa engrenagem de moda eram profissionais. A maioria autodidata, mas tentando acertar, ganhar notoriedade, conquistar, seduzir, vender e vencer. Igualzinho aos que estão neste meio em pleno século XXI. O que mudou foi o tamanho, a sofisticação tecnológica, o aparato e o aparecimento de escolas, cursos e novas profissões. Produtora de moda não era chamada *stylist*. Encarregado do som não era conhecido por DJ. E, para falar a verdade, existiam muito mais revistas dirigidas ao profissional da moda do que hoje em dia. No início da minha trajetória profissional, eu ainda conheci o importante *Noticiário da Moda*, da Editora Abril, o *Moda & Mercado*, o *Moda & Serviço*, *Etiqueta*, *Claudia Moda*, *Desfile Coleções*, *Edição* e tantas outras publicações. E, no *Dicionário da moda*, eu queria homenagear todas as pessoas que tinham trabalhado e participado da construção do cenário de moda do país. Considero todos estes que se esforçaram e construíram suas marcas e seus negócios verdadeiros heróis da resistência. Porque não foi fácil. Não havia telefonia celular para tantos patrocínios. Não havia interesse nesse segmento pelas grandes empresas.



[ 50 ]

As pessoas que queriam se dedicar à moda tinham de ser perseverantes e insistentes.

A minha premissa era a imparcialidade e a narrativa da verdade dos fatos, e acho que isso conquistei. Aprendi que é complicado escrever sobre os outros, que é difícil resgatar com apuro técnico a descrição de uma roupa ou acessório, compreender a indumentária no passado e que é impossível acreditar na primeira informação lida ou conseguida. Dos meus mais de 800 volumes sobre moda colecionados desde a década de 1980, tive de descartar as informações de inúmeros deles. Passei a exigir títulos em relação aos autores e, assim mesmo, olhe lá, pois há sempre divergências e interpretações diferentes. Fontes na Internet? Extremo cuidado, eu advertiria ao mais incautos ou ao que não seja um mineiro tão desconfiado como eu. É sempre necessário checar.

Mas o trabalho foi irresistível, principalmente quando, no decorrer dos meses, constatei que o número de páginas foi aumentando, que os arquivos no computador foram ficando repletos e que a possibilidade da escolha de fotos e ilustrações, apesar de instigante, poderia levar à loucura. Conseguir autorizações para fotos, para publicação de capas de revistas e páginas de jornal? É um trabalho extenuante e que pode

ensandecer qualquer um. Acha-se o fotógrafo e não se acha a modelo. O modelo quer cobrar cachê para ter sua foto publicada no livro. É, por incrível que possa parecer, esse fato aconteceu.

Trabalho quase encerrado, o orçamento da editora vetou a excessiva quantidade de páginas. Com o coração na mão, tive de aceitar a retirada de quase 100 páginas do livro. Páginas repletas de palavras escolhidas, pesquisadas, amadas. Não houve alternativa.

O trabalho de um autor como o do *Dicionário da moda* foi um trabalho de formiguinha, de arqueólogo, de monge... Um trabalho solitário e uma tarefa quixotesca à qual me propus realizar pelo fato de ter atração por este universo e pelo fato de ter sido uma testemunha ocular dessa História, a História da Moda no Brasil. Um trabalho que pode ter tido algumas falhas, mas que foi exaustivo, dispendioso financeiramente para mim, mas um exercício de paciência, fé, busca e compreensão.

